

MEU BICUDO CAJUEIRO

Nos inícios dos anos 60, mudando da cidade de Uberaba e de volta para Ribeirão Preto, conheci **Cajueiro**, na mão de Benedito Cruz - o Bronquinha -. Disse ele que o nome era do fato dele ficar, quando novinho, pendurado num pé de caju na casa de Waldemar Teixeira seu primeiro dono. Segundo falaram, provavelmente, tinha sido um dos últimos bicudos capturados no "Rio da Onça" perto de Bonfim Paulista por João Nóbile, residente à época no referido distrito. Hoje, esse habitat está praticamente degradado e cercado por enorme plantação da mono cultura de cana-de-açúcar em sua redondeza.

Bem, imediatamente fiquei encantado com o excelente canto do **Cajueiro**, o dialeto "Ribeirão" da melhor qualidade, hoje conhecido como "Alta Mogiana". Iniciava sempre com uma linda risada e tinha muita maviosidade na frase musical. Do bico rajado, repetia até cinco cantos e era muito fibrado, valente e mansinho. O interessante é que estive pouco tempo depois na casa de Bronquinha e vi o **Cajueiro** tratando de dois filhotes num viveiro bem grande no quintal da casa.

Adorei ver aquilo que para mim era inédito, uma grande novidade para a época - *um bicudo conseguir procriar em ambiente doméstico* -. Haviam me dito que era difícilimo e que se procriasse. Os filhotes morreriam e se sobrevivessem seriam iguais a "canário belga". Um bicho insosso e sem fogo, portanto, desinteressante! Para nós. Daí, fiquei impressionado com o desempenho do **Cajueiro** e com o enorme desejo de possuí-lo, só em pensamento, lógico. Pois, Bronquinha dizia: *"só vendo se for por muito dinheiro"*.

Sabia eu muito bem que, naquela oportunidade, "bicudo era artigo de luxo" e poucos podiam tê-los, ainda mais se de boa qualidade. Isso porque, quando eu mais novo ainda, desde Uberaba, onde morei até os 16 anos, já tinha experiência e pensava: *"só gente de muitas posses"* poderia possuir

bicudos. Pássaro raro, difícil de ser capturado, não havia disponibilidade de filhotes e de bicudos novos para eventual aquisição. Era um jogo duro danado ter um bicudo. Hoje há milhares de bicudos nas periferias das cidades, fruto da criação controlada que democratizou a posse desse exigente, complicado e raro pássaro nativo de origem silvestre.

Daí, o tempo passou um pouco e em 63, aos 19 anos, comecei a trabalhar no Banco do Brasil em Santo André. Em seguida, pensei, "*vou comprar o **Cajueiro**, com o meu primeiro salário*". No entanto, o Bronquinho pediu um absurdo que correspondia a dois vencimentos brutos e mais um pouco. Encarei, porque ele parcelou para pagar em três vezes. Só que não dei conta, de pagar porque tinha que arcar com as minhas despesas de estadia e alimentação. O que fazer, pensei vou falar com meu querido tio José Carlos. Ele me deu uma bronca danada mas arrumou o dinheiro. Quitei e fiquei definitivamente com o maravilhoso **Cajueiro**. Todo orgulhoso, me sentia o máximo. Ter um bicudo daquela qualidade em meu poder era plena felicidade.

Viajava de lá para cá sempre com ele junto, levava na Viação Cometa num transporte e lá passava para a gaiola dele. Tinha uma boa em Ribeirão e outra em Santo André. Enquanto fiquei em Santo André, por cinco anos, ele foi o meu companheiro, inclusive de viagem. Morávamos juntos. Lá, infelizmente não havia criadores de bicudos, só de curiós. Então nos fins de semana que lá ficava, dava sol e passeava pela rua com ele na palma da mão. Essa era uma grande diversão para mim, ficava satisfeito com isso, me distraia. E o passava o tempo desse modo. Mesmo assim, muitas passagens interessantes com ele.

Lembro-me, de uma bela exceção: avisaram-me: "*perto da tua pensão tem um cabra chamado Jaime que tem um bicudo muito bom*". No sábado fui lá e realmente havia. Ele tinha um bicudo muito bom do canto flauta e do bico preto. Valente, encarou o **Cajueiro** e ficamos ali por duas horas fazendo uma disputa de canto. Na hora de ir embora, perguntei: "*dispõe desse bicho*". Jaime respondeu: "*troco num curió bom*". Então, durante a semana adquiri um

curió valente e bom de canto e fui lá no outro sábado. Assim que cheguei, ele já estava me esperando. Coloquei o **Cajueiro** na mureta e o outro ficou ali a uns dois metros de distância cantando um na cara do outro. Fizemos o negócio e voltei para casa com os dois bicudos encapados.

Morava numa pensão há duzentos metros e lá chegando subindo a escada percebi que o bicudo do Jaime estava cantando igualzinho o **Cajueiro**. Fiquei pasmo, mas era pura verdade. Tanto que no próximo fim de semana, vim a Ribeirão e passei no bar do Helio Mariani à noite, eram 20 horas, horário que costuma chegar por aqui. Coloquei o bicho que estava numa gaiolinha pequena de transporte e cantando muito em cima da mesa e ele me dizia: "*tira o **Cajueiro** e coloque-o ali na parede para cantar um pouco mais*". Comecei a rir e disse: "*esse não é o **Cajueiro** é um bico preto que adquiri recentemente e que aprendeu a cantar o "Canto Ribeirão" em poucas horas*". Ficou desconfiado e balançando a cabeça, rsss. Até hoje, não sei se ele, dentre outros, acreditaram no acontecido. Mas é a pura verdade!!!!

Em 65, houve um torneio do Instituto de Menores em São Paulo, não havia estacas os bicudos foram colocados no chão, expostos ao sol, uma lástima. Ganhei primeiro lugar, mas fiquei contrariado com o tipo de torneio que haviam programado. Estive com ele no Rio o levei na Praça Vanhargem. Todos admiravam o seu canto e a disposição do bicho para cantar. Um show à parte, o desempenho do **Cajueiro**.

Bom, além de vários torneios que participei com ele, obtendo



colocações medianas, vale registrar o torneio de Uberaba no ano de 1967. Participaram por volta de 80 bicudos, lá nas dependências da



GM, naquela cidade. **Cajueiro** deu um *show* logrou ganhar o torneio, obteve o 1º lugar, foi o campeão do evento, uma taça de prata legítima. Nem é preciso

dizer da minha satisfação. Foi demais a emoção. Tomei duas taças cheia de *chopp* em dois goles, fiquei meio tonto, mais feliz do que "pinto no lixo". Depois daquele torneio voltei para Ribeirão Preto de carona com o saudoso João Soares, pegando o ônibus Cometa às 15h30min horas às 23 horas já em Santo André, morto de cansado, mas realizado e muito contente.

Em agosto/68, mudei de novo para Ribeirão Preto e Cajueiro voltou para nossa casa na Rua Altino Arantes, no alto da cidade. No ano seguinte soltei **Cajueiro** num viveiro e produzimos dois filhotinhos. Fiquei outra vez orgulhoso de ter conseguido a façanha de produzir um pássaro silvestre em domesticidade. Para mim ficou provado que era possível, muitos duvidavam. No entanto, não tinha a menor conhecimento do manejo requerido para o tratamento em fase de reprodução. Resultado: os nascidos morreram ao sétimo dia de vida.

Nesse interregno, porém, o Ernesto Scatena veio a minha casa ver o casal alimentando os filhotes. Ele morava na Av. Getúlio Vargas, ainda não asfaltada, pertíssimo. Bom registrar que o Scatena foi um pioneiro na criação bem sucedida de bicudos. Foi o primeiro a produzir pássaros de altíssima qualidade e em grande quantidade, devemos muito a ele. Até hoje temos aí pássaros descendentes de produtos de sua criação: notadamente do Balinha, Ministro, Zé - Pretinho, Manda-Chuva, dentre outros. Por exemplo, aqui na **LAGOPAS** a bicuda Cotinha filha de Zumbi (filho de Balinha) de sua criação, dentre outros.

Na ocasião, Scatena virou uma "sarna" em cima de mim para vender o casal para ele, pois iria iniciar a criação de bicudos e junto com outras fêmeas que tinha poderia incrementar a produção. Nem precisa se falar a pressão foi muito grande e eu pensando num final feliz para o amigo **Cajueiro** que agora iria ter muitas bicudas para cruzar resolvi ceder o bicudo para ele. Coincidiu que nessa época, tive um grande desentendimento com um parceiro criador e resolvi dar uma parada no manejo com bicudos. Soube que tirou vários filhotes dele. No final, fico muito feliz em saber que graças ao

amigo Scatena, provavelmente haja hoje muitos descendentes do maravilhoso **Cajueiro** por aí, entre nós.

Aloísio Pacini Tostes - Bonfim Paulista - Ribeirão Preto SP

Multiplicar para Conservar